



ADAM
SILVERA

AUTOR DE *NO FINAL*
MORREM OS DOIS

O sobrevivente
quer morrer
no final



SECRET
SOCIETY

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Armas

Automutilação

Doenças mentais

Ideação suicida

Morte, perda e luto

Trauma

Violência

Aos que sentem que mentem quando falam sobre o futuro.

Vivam um dia de cada vez.

*Ao meu cão, Tazzito, e à minha terapeuta, Rachel,
que me salvaram a vida inúmeras vezes.*

E ao Luis Rivera. Sem ti, não teria sobrevivido no final.

Amo-te muito, Kidd.

NOTA DO AUTOR

Este livro aborda questões relacionadas com o suicídio e contém descrições explícitas de automutilação. Se decidires avançar na história, na próxima frase revelo se haverá ou não um suicídio neste romance; se não quiseses saber, salta para o próximo parágrafo: (SPOILER) Dada a natureza da própria série, este livro inclui mortes, mas nenhuma das personagens principais se vai suicidar. (FIM DO SPOILER)

Se estás em sofrimento e precisas de ajuda, entra em contacto com as linhas de apoio. Se não te sentires melhor após a primeira chamada, desliga e liga outra vez. E outra vez, e outra vez, e outra vez, até conseguires pôr de lado todo e qualquer pensamento prejudicial. Eu próprio já fiz chamadas semelhantes, e é por isso que estou aqui hoje para te dar este conselho.

Caminhemos juntos em direção ao amanhã.



PARTE UM

Os Não Últimos Dias

A Previsão-de-Morte mudou não só a forma como vivemos antes de morrer, mas também a vida daqueles que contemplam a própria morte. Se a Previsão-de-Morte não contactou aqueles que estão em sofrimento, então o seu Último Dia ainda não chegou. É tão simples quanto isso. Tem sido doloroso ver pessoas a tentar provar que a Previsão-de-Morte está errada. O meu maior desejo é que, em vida, todas as almas encontrem a cura, e deixem de aguardar o nosso contacto.

— Joaquin Rosa, criador da Previsão-de-Morte



LOS ANGELES

22 de julho de 2020

PAZ DARIO

07h44 (Horário de verão do Pacífico)

A Previsão-de-Morte nunca me contacta para dizer que vou morrer. Oxalá o fizesse.

Todas as noites, entre a meia-noite e as três da manhã, quando os mensageiros alertam as pessoas para os seus Últimos Dias, fico acordado e olho para o meu telemóvel, na ânsia de que ele toque com aqueles sons assustadores que sinalizam a minha morte precoce. Ou a minha morte tardia, se formos realistas quanto à pouca vontade que tenho de estar vivo. Sonho com a noite em que poderei interromper as condolências do meu mensageiro sobre o facto de estar prestes a morrer e dizer simplesmente: «Obrigado pela melhor notícia da minha vida.»

E será então, seja de que maneira for, que morrerei por fim.

O meu telemóvel não tocou ontem à noite, por isso sou obrigado a suportar mais um Não Último Dia.

Finjo sempre uma vontade de viver diante de todas as pessoas que se esforçam ao máximo para me manter vivo: a minha mãe, obviamente; o meu padrasto, que era orientador e ainda age como tal; a minha terapeuta, a quem minto todas as sextas-feiras à tarde; e o meu psiquiatra, que me receita os antidepressivos dos quais tomei uma overdose em março. Quase me sinto culpado por desperdiçar o tempo de todos, já que sou um caso perdido. Mas se não os conseguir convencer de que só me tentei suicidar por causa daquele documentário sobre o incidente da minha infância, sei que vou ser recambiado para uma clínica de prevenção de suicídio, onde não só terei ainda mais pessoas a esforçarem-se para me manter vivo, como não terei nenhuma hipótese de voltar a tentar o suicídio.

Se este Não Último Dia correr tão bem como espero, talvez não me importe assim tanto de continuar vivo.

Pela primeira vez em quase dez anos, fui chamado para uma segunda audição. E não é uma audição qualquer, é um teste de química para ser o par romântico no filme. E não é um filme qualquer, é a adaptação do meu romance de fantasia preferido: *Coração de Ouro*. E tudo o que tive de fazer foi gravar um vídeo de audição incrível e mentir sobre quem sou.

Agora, tenho de me pôr a caminho e garantir o papel dos meus sonhos.

Ando de um lado para o outro no meu quarto, a rever o guião da audição, embora já saiba as falas de cor. Toda a decoração é em tons de preto e branco, com exceção dos romances, das peças de teatro e dos videojogos que me mantêm entretido nos meus Não Últimos Dias. A minha mãe comprou-me uma grande planta-zebra, que, apesar do nome, não combina com a vibe do meu quarto. Foi uma boa ideia colocar um toque de verde natural aqui dentro, mas já me custa cuidar de mim, quanto mais de uma planta, por isso ela acabou por murchar por falta de atenção. Vou ter de a deitar fora, porque não consigo ver uma planta morrer à minha frente.

Muito bem, está na hora de me arranjar. Guardo o guião dentro da edição de capa dura do *Coração de Ouro*, como uma espécie de amuleto da sorte com 912 páginas, e ponho-o na mochila que costumo usar nas caminhadas. Pego na camisa preta e nas calças de ganga a condizer que a audição exige e estou a caminho da casa de banho quando reparo no meu diário no chão. Arrumo-o rapidamente na gaveta da mesa de cabeceira, porque me esqueci de o fazer por volta das três da manhã; não posso deixar ninguém espreitar.

Abro um pouco a porta e ouço uma música espanhola a tocar no rádio velho que coloquei em cima do frigorífico depois de nos livrarmos das bebidas alcoólicas. A minha mãe e o Rolando estão a rir-se, enquanto preparam o pequeno-almoço antes de ela ir trabalhar no centro de acolhimento para mulheres. São pequenos momentos como este, em que a minha mãe não me traz plantas nem supervisiona a minha dose de antidepressivos, que me dão esperança de que ela ficará bem se eu morrer. Mesmo que tenha dito o contrário depois da minha tentativa de suicídio; estou a falar apenas da tentativa de março, pois ninguém sabe da segunda.

Antes de fingir ser o Paz Feliz para a minha mãe e para o Rolando, tenho de me preparar, como qualquer ator que tem de passar pela caracterização. Só estive num estúdio de filmagem uma vez na vida, quando tinha 6 anos, mas lembro-me de pensar como era fixe ter artistas a ajudarem-me a entrar na personagem antes de o realizador gritar «ação». Agora, faço tudo isso sozinho antes de fingir que sou feliz.

Percorro o corredor em passo acelerado e entro na casa de banho, que ainda está quente e embaciada do banho matinal do Rolando. Limpo o espelho, à procura do vilão que todos veem, mas só vejo um rapaz que pintou o cabelo escuro de loiro para conseguir este papel e que está a deixar crescer os caracóis para esconder o rosto que ficou mais conhecido pela série documental sobre o Último Dia inaugural do que pelo pequeno, mas promissor, papel no último filme do Scorpius Hawthorne.

A água fria do chuveiro acorda-me com um choque, antes de girar a torneira até a água ficar tão quente que me deixa a pele morena vermelha. Obrigo-me a ficar ali, mesmo que o meu corpo queira assumir o controlo das minhas pernas e recuar. O corpo acaba por vencer e eu saio do chuveiro.

O lavatório está cheio de coisas da minha mãe e do Rolando: a escova de cabelo dela, com tufo pretos e brancos, o pente e o gel dele, o sabonete de cato que compraram no Melrose Market e o prato de porcelana onde ela deixa o anel de noivado quando faz o seu ritual de hidratação. Não há nenhum indício concreto da minha existência, com exceção da escova de dentes que está dentro do copo de plástico cor de laranja, juntamente com as deles. É propositado. Quando eu morrer, quero que a minha mãe se esqueça de mim o mais depressa possível. Isso implica não ver as minhas coisas nos espaços que partilhamos. Se a minha mãe se sentir atormentada pela minha morte, será obrigada a mudar-se novamente para fugir ao meu fantasma, como fizemos após a morte do meu pai, mas esta pequena casa que ela e o Rolando compraram é aquilo de que ela mais gosta em Los Angeles. Representa o nosso recomeço.

Pelo menos, aquilo que deveria ser o nosso recomeço.

Além de uma carta de suicídio para a minha mãe, acho melhor deixar uma também para o Rolando, para que ele organize uma venda de garagem, porque sei que a minha mãe não terá coragem de vender

as minhas coisas. Ela é o ganha-pão da família, mas à justa; estamos a falar de um «pão» com uma semana e já meio rançoso. Aposto que ainda conseguem uns milhares de dólares se venderem o meu exemplar autografado do último livro do Scorpius Hawthorne, assim como as polaroides que ela tirou de mim com o elenco.

A viagem ao Brasil com a minha mãe para filmar a minha cena foi alucinante, ainda não consigo acreditar que visitei o cenário emblemático do Castelo Milagro e...

Não, não vou ficar aqui a recordar os meus tempos de jovem Larkin Cano quando tenho outro papel para desempenhar agora. Não é o papel para a audição. É o papel que desempenho todos os Não Últimos Dias.

Banho tomado e roupa vestida, levo a mão à maçaneta da porta e sussurro:

— Ação.

Transformo-me no Paz Feliz.

— Bom dia — digo, com um sorriso digno de um Óscar ao entrar na sala de estar.

A minha mãe e o Rolando estão a comer tacos na mesa de pequeno-almoço e a jogar *Othello*, o jogo de tabuleiro que eu adorava quando era miúdo. Levantam os olhos com sorrisos genuínos, porque a Mãe Feliz e o Rolando Feliz não são papéis que eles desempenhem.

— Bom dia, Pazito — diz a minha mãe. Ser chamado de Pazito é outra coisa que eu adorava quando era miúdo. — Estás pronto para a tua audição?

— Sim.

O Rolando prepara-me um prato.

— Toca a comer, Paz-Man. Vais precisar de energia.

Obrigo-me a comer porque, se recusar, eles vão ficar desconfiados. A verdade é que, apesar de não ter grande apetite para a comida, estou sempre com fome de vida. Às vezes, sinto-me tão vazio que o meu estômago chega a doer, como se estivesse a roncar por felicidade, mas nunca há nada para comer ou nada me parece apetitoso, ou quando finalmente estou com vontade de comer alguma coisa, parece que ninguém quer anotar o meu pedido.

— Queres ajuda para decorar o texto? — pergunta o Rolando.

Recuso porque, quando gravei o meu vídeo, o Rolando deu-me a contracena e achei-o demasiado dramático, como se estivesse a fazer uma audição para uma telenovela atrás da câmara. Tive de o mandar embora e pré-gravar as falas da outra personagem com uma voz mais grave, preenchendo depois os silêncios que deixei para a minha personagem. Foi essa atuação que me valeu esta segunda chamada. Dispensar as distrações do Rolando.

— E que tal uma boleia para a audição? — pergunta ele, sempre ansioso por mostrar que é diferente do meu pai, algo que já sei muito bem.

— Vou a pé. Quero apanhar ar puro.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição.

— Se mudares de ideias, estou de folga hoje.

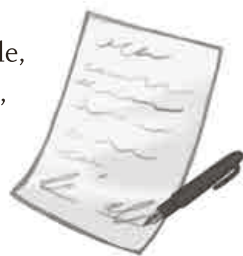
— Não precisas de ter um emprego para tirar o dia de folga? — Finjo rir para que pareça uma piada, mas a minha mãe repreende-me mesmo assim. O Rolando ri-se, mas o riso dele também é falso.

— Estou de folga da procura de emprego — esclarece, enquanto prepara um chá e fala do trabalho que vai fazer em casa.

Desligo-me da conversa.

No mês passado, o Rolando foi despedido da faculdade local por questões orçamentais. É uma pena, porque ele adorava voltar a ter um emprego de escritório, sobretudo depois de me dar aulas em casa durante a maior parte do secundário, mas o empréstimo da casa e as contas médicas acumuladas começam a apertar. Está a ser um pouco picuinhas em relação ao próximo emprego. «Não quero nada que me obrigue a ter envolvimento emocional», repete.

O trabalho de orientador de carreiras era perfeito porque era apenas um emprego em que falava sobre outros empregos, ao mesmo tempo que satisfazia o seu desejo de ajudar os outros. Ao contrário dos anos exaustivos que passou como orientador escolar no ensino básico. «Quem diria que as crianças podiam ter tantos problemas?», disse ele mais de uma vez, mesmo na minha presença; logo eu, que enfrentei tantos problemas quando era miúdo. Já para não falar do seu trabalho mais curto, mas também mais desgastante, como um dos primeiros mensageiros da Previsão-de-Morte do mundo. Já se passaram quase dez anos desde que ele se demitiu na estreia do Último Dia. O mesmo



dia que mudou a minha vida tão depressa que me tornei naquele miúdo cheio de problemas.

Vai ser de gritos se conseguir o papel no filme antes de ele arranjar um emprego.

O Rolando dá o chá e um beijo à minha mãe.

— Bom proveito, Gloria Gloriosa.

— Obrigada, *mi amor*.

Fico mesmo contente que a minha mãe esteja apaixonada — e um amor verdadeiro desta vez —, mas às vezes custa-me ver aquilo, sabendo que vou morrer sem ser amado. Todas as noites, quando estou sozinho na cama, à espera de que a Previsão-de-Morte me contacte, pergunto-me se começaria a temer pela vida se tivesse alguém ao meu lado. Alguém que me abraçasse. Alguém que me beijasse. Alguém que me amasse.

Mas quem se apaixonaria por um assassino?

Ninguém, claro.

Lavo o meu prato e deixo-me queimar de novo pela água quente. Fecho a torneira antes que alguém perceba que as minhas mãos estão mais limpas do que o próprio prato.

— Pazito?

— Sim, mãe?

— Perguntei se estavas bem.

Para ser um grande ator, é preciso ser um bom ouvinte, mas eu estava tão imerso em pensamentos que não ouvi a contracena. Agora, estou a olhar para ela como se me tivesse esquecido das falas. Estou a sair da personagem, como se a minha máscara e roupas de Paz Feliz me estivessem a ser arrancadas, expondo-me como um ator desempregado que nem sequer merece trabalhar. Não, sou um ótimo ator, e sim, os ótimos atores têm de ser ótimos ouvintes, mas também têm de atuar com sinceridade. Por isso, vou dizer a verdade. Bem, *uma* verdade.

— Desculpa, mãe, estou apenas nervoso com esta audição — digo-lhe, os olhos postos no chão, como se estivesse envergonhado. Essa parte pode ser fingida, mas quero fazer passar a verdade de que, sim, estou a leste, mas olhem para mim, para aqui a falar em vez de esconder tudo como da última vez. Depois, remato com uma mentira: — Estou bem.

As pernas da cadeira da minha mãe começam a ranger e depois param. Ela está ansiosa por me consolar, mas eu disse-lhe que preciso de espaço sempre que me expresso, porque toda aquela atenção faz com que cada pequena coisa pareça muito maior do que é. Usei todas as palavras certas da minha terapeuta para transmitir isso, e está a funcionar, mas sei como é difícil para a minha mãe não poder cuidar de mim.

Para mim, também é difícil. Se ao menos um abraço pudesse salvar-me.

— A melhor coisa a fazer nesta audição é seres tu mesmo — diz a minha mãe.

— Ele não tem de ser uma personagem? — atira o Rolando.

— Ele tem de dar vida à personagem, como só ele sabe fazer — devolve ela. A minha mãe sempre apoiou os meus sonhos, desde que eu era miúdo. — Vai lá fazer desta segunda audição o teu regresso à ribalta, Pazito.

— Sim — respondo.

A parada nunca esteve tão elevada. Se não conseguir este papel, perderei toda a vontade de viver.

Encaminho-me para fora de casa quando a minha mãe me chama.

— Deixa-me ir buscar o teu... — A sua voz some-se quando entra no quarto.

Adivinho que ela vai buscar o meu antidepressivo diário. O frasco com o meu Prozac está escondido algures no quarto dela, porque não posso confiar em mim mesmo para respeitar a dosagem depois da primeira vez que tentei o suicídio.

Eu tinha os meus motivos.

No início de janeiro, a Piction+ começou a transmitir a minissérie documental *Chamadas Perdidas Mortais* sobre os Doze da Morte, os Deckers que morreram no Último Dia inaugural sem aviso, devido a um erro misterioso no sistema de previsão igualmente misterioso da Previsão-de-Morte. Os episódios foram transmitidos semanalmente, cada um centrado num Decker diferente. O último era sobre o meu pai, que não acreditava na Previsão-de-Morte. Os produtores quiseram incluir-nos, mas a minha mãe recusou e implorou-lhes que não avançassem com o projeto, porque isso reabriria uma ferida terrível (como se alguma vez ela tivesse realmente sarado). Os seus apelos foram ignorados porque «a História precisa de ser lembrada». Não ficámos

surpreendidos ao descobrir que os produtores eram pró-naturalistas, pessoas que desejam preservar os modos naturais como sempre vivemos e morremos antes da Previsão-de-Morte. Aquela série documental nunca teve como objetivo recordar a História. Era um ataque à Previsão-de-Morte. E eu fui apanhado no fogo cruzado.

Como se a minha ansiedade não fosse já suficientemente alta enquanto contávamos os dias para a estreia do último episódio, este foi para o ar na mesma semana em que o Governo emitiu a ordem de confinamento para evitar a propagação do coronavírus, garantindo que ninguém teria nada que fazer além de enlouquecer e ver televisão. Foi sufocante assistir àquela conferência de imprensa do CCD, o Centro de Controlo de Doenças, e da Previsão-de-Morte, na qual se previu que mais de três milhões de pessoas poderiam morrer em todo o mundo se não fizéssemos a nossa parte, ficando em casa, e a série documental só piorou as coisas para todos, lançando dúvidas sobre a Previsão-de-Morte por causa do seu erro fatal esquecido de há quase dez anos.

Fosse como fosse — com pandemia ou sem ela —, o meu mundo ficaria sempre mais insuportável assim que o último episódio fosse emitido. Não vi, mas consta que os produtores relataram uma versão sensacionalista do incidente traumático da minha infância e do consequente julgamento, retratando-me como um assassino psicótico treinado pela minha mãe para que ela pudesse continuar o seu caso extraconjugal com o Rolando. E milhões de telespetadores acreditaram nisso.

Assim, no quarto dia de confinamento, uma hora depois do fim dos contactos da Previsão-de-Morte, tentei provar que ela estava errada e engoli todo o frasco de antidepressivos com a garrafa de uísque do meu padraço.

E fiquei à espera da morte, o que está a tornar-se a história da minha vida.

A minha visão ficou turva, comecei a arder em febre e desmaiei, chocado por enfim estar a morrer. Estava demasiado fraco, drogado, bêbedo e moribundo para chorar por ter chegado àquele ponto sombrio, mas também estava feliz por poder finalmente sair desse ponto para sempre. E teria morrido se a minha mãe não tivesse acordado do seu pesadelo habitual sobre o meu pai, para dar de caras com algo pior: eu inconsciente numa poça do meu próprio vômito.

Até hoje não me lembro de ter caído da cama, da viagem de ambulância ou da lavagem ao estômago, mas ainda sou assombrado pelo momento em que acordei nas Urgências, algemado à cama como se fosse o criminoso perigoso que a série documental retratara, e pela minha mãe a tirar a máscara cirúrgica enquanto me implorava para nunca mais fazer aquilo.

«Sou daquelas pessoas que gostam de fazer planos», disse a minha mãe, em lágrimas, enquanto segurava a minha mão, «mas não planeio viver num mundo sem ti, Pazito. Se te matares, tenciono traçar um plano para ir contigo.»

Passei três dias na ala psiquiátrica a pensar no que a minha mãe tinha dito. Adoro-a, mas não gostei nada daquela ameaça de se matar se eu me suicidasse. Ela tem muito por que viver, mesmo que deixe de ser mãe porque o seu único filho se matou.

Não consigo lidar com esta pressão de continuar a viver quando não tenho motivos para tal.

Preciso de viver a minha vida — e a minha morte — como me parece adequado.

Tenho esperado o momento certo porque aprendi a lição sobre tentar provar que a Previsão-de-Morte está errada. Houve aquela tentativa de suicídio em março, mas a do meu dia de anos no mês passado tem de permanecer em segredo, ou não terei a oportunidade de tentar novamente daqui a dez dias, no décimo aniversário da morte do meu pai.

A minha mãe percorre o corredor e dá-me um comprimido.

Engulo o Prozac e sorrio, como se já tivesse anulado toda a minha depressão.

A minha mãe olha para mim, quase como uma diretora de casting que não está a acreditar na minha atuação como Paz Feliz e só está a ver um ator a exagerar, o que é a última coisa que qualquer ator respeitável quer. Mas não é isso. Ela vê-me como o seu bebé, o seu único filho, o miúdo que ela acompanhava às audições, o miúdo a quem fazia cócegas durante as provas de máscaras de Halloween, o miúdo que acreditava em profecias porque acreditava no futuro.

O miúdo que pensava que estava a ser um herói quando lhe salvou a vida.

O miúdo que cresceu e que agora quer morrer.

— Espero que te sintas melhor, Pazito.

— Eu também, mãe. — Estou a dizer a verdade, mas sei que não é assim.

Depois saio de casa.

— E... fim de cena — sussurro.

Já não sou o Paz Feliz. Como não sou desde o Último Dia inaugural, o dia em que matei o meu pai.



NOVA IORQUE

ALANO ROSA

11h00 (Horário de verão da Costa Leste)

A Previsão-de-Morte não me contactou porque não vou morrer hoje, mas houve quem me contactasse com ameaças de morte apenas porque sou o herdeiro do império da Previsão-de-Morte. Ao menos, avisam. Bem vistas as coisas, é assim que a Previsão-de-Morte funciona.

Ao longo dos anos, muitas pessoas disseram que era escusado preocupar-me com as ameaças de morte, uma vez que cresci a saber qual seria o meu Último Dia. Isso não é verdade. Claro que tenho muitos privilégios por o meu pai ter criado a Previsão-de-Morte, mas saber quando vou morrer não é um deles. Na verdade, o meu pai tem acelerado a minha formação para herdar a empresa no seu próprio Último Dia, mas essa data é um mistério tão grande para ele como a do meu Último Dia é para mim. Porém, com a ascensão da Guarda da Morte, que promove radicalmente o seu programa pró-natural em nome do seu candidato presidencial favorito, o meu pai sabe que é um alvo a abater, visto que estes acólitos clamam pelo fim da Previsão-de-Morte. A ironia de o meu pai não ter os seus assuntos em ordem antes de morrer não nos passa despercebida.

Temos de ser cautelosos, até mesmo aqui em Nova Iorque, onde era raro encontrar propaganda pró-natural antes deste ano. Tudo isso mudou no domingo, 29 de março, quando o período de confinamento de duas semanas terminou e as pessoas voltaram às ruas e encontraram cartazes a dizer *A PREVISÃO-DE-MORTE É CONTRANATURA* no metro, nas pontes, nas igrejas, nos supermercados e em todos os locais públicos possíveis e imagináveis. Se a Guarda da Morte tivesse conseguido o que queria, milhões de pessoas em todo o mundo teriam morrido do coronavírus sem aviso, apenas porque acreditavam que isso fazia parte da ordem natural.

A ordem natural da vida e da morte mudou na quinta-feira, 1 de julho de 2010, quando o presidente Reynolds revelou ao país tudo sobre a Previsão-de-Morte. O que eu não sabia aos 9 anos era como as coisas acabariam por ficar tão divididas entre aqueles que acreditavam na missão da Previsão-de-Morte e aqueles que se opunham a ela. O presidente Reynolds também não estava preparado para isso. Dois meses após o início do seu segundo mandato, ele recebeu o seu alerta da Previsão-de-Morte e passou o seu Último Dia escondido num bunker subterrâneo, apenas para ser assassinado pelo seu agente dos serviços secretos mais fiável, que decidiu lutar pelo pró-naturalismo e não pelo seu presidente.

Hoje de manhã, estava a terminar a biografia do presidente Reynolds, em vez de um exemplar antecipado das memórias do meu pai, quando recebi uma chamada de um número desconhecido.

«Vou matar-te, Alano Angel Rosa», ameaçou um jovem.

«Obrigado pela chamada de cortesia, amigo», disse eu antes de desligar.

Foi a minha quadragésima sétima ameaça de morte. No espaço de uma hora, seguiram-se mais seis chamadas de outros assediadores, antes de desativar a linha e configurar o meu novo telemóvel. É sempre irritante ter de iniciar sessão na minha conta da Previsão-de-Morte e atualizar o meu número quando há fugas de informação, mas isso será resolvido em breve pela mais recente criação do meu pai. Não há muito mais que possa fazer, a não ser deixar de ter telemóvel. Os meus pais pedem-me que bloqueie números desconhecidos e denuncie mensagens ameaçadoras sem atender, mas não consigo evitar. Se alguém quer a minha morte, preciso de saber o quanto essa pessoa sabe. Se tem apenas o meu nome e número de telefone, então pode ser qualquer pessoa, em qualquer lugar. Têm sido sempre ameaças vãs. Mas se alguém disser que está a ver-me a regressar a casa, a pé pelo Central Park já perto da meia-noite, então levarei essa ameaça muito a sério e desatarei a correr a sete pés.

A parte mais perturbadora sobre a primeira pessoa que ligou foi que a sua voz me pareceu familiar, apesar de não conseguir identificá-la. Parecia jovem, mas não muito. Podia ser qualquer pessoa que quisesse vingar-se da Previsão-de-Morte, mas tenho para mim que se tratou de um parente de um dos elementos dos Doze da Morte.

Temos o Travis Carpenter, cuja irmã mais velha, Abilene, foi atropelada por um caminhão em Dallas, no Texas. Na sexta-feira, 27 de agosto de 2010, o meu pai pediu desculpa pessoalmente à família, mas foi ameaçado com uma espingarda pelo pai da rapariga, também chamado Travis. Ponderei se os dois Travis estariam a conspirar para fazer o meu pai sentir a perda de um filho, mas, a julgar pela minha pesquisa, o Travis júnior parece estar ocupado a tirar o curso de Ciências Políticas. Ele ainda está registado nos nossos serviços, ao contrário do Mac Maag, cujo tio, Michael Maag, foi assaltado e morto à facada na estreia do Último Dia. Não faço ideia se o Mac Maag apoia a Guarda da Morte, uma vez que os seus perfis nas redes sociais estão inativos há três anos, mas quero acreditar que ele está apenas a levar uma vida pacífica e pró-natural. E depois temos o Paz Dario, que já conhecia antes do Último Dia inaugural, por ser o giraço de *Scorpius Hawthorne e os Deathlings Imortais*, mas que agora é mais famoso por ser o rapaz que matou o próprio pai, Frankie Dario. Costumava acompanhá-lo muito antes de ele desativar as suas redes sociais, devido à reação injusta que surgiu por causa de *Chamadas Perdidas Mortais*. Espero que esteja bem.

Quanto a mim, não estou preocupado com as ameaças de morte desta manhã, sobretudo enquanto estou aqui na sede da Previsão-de-Morte, onde temos a melhor segurança que o dinheiro pode comprar. Consigo concentrar-me no trabalho que tenho em mãos, que neste momento envolve acompanhar uma reunião entre os meus pais e a Dalma Young, a criadora da aplicação Último Amigo.

— A Previsão-de-Morte reescreveu a morte, mas o mais importante sempre foi mudar vidas — diz o meu pai.

— E conseguiu — responde a Dalma, sentada em frente aos meus pais, enquanto eu estou de pé num canto com o meu tablet.

— E você também, minha jovem — acrescenta a minha mãe.

A Dalma tem 28 anos, mas poderia facilmente passar por uma jovem de 21, ou até mesmo de 19, como eu. Parece uma deusa com a sua trança preta, a pele morena refulgente e o vestido branco.

— É muito simpática, mas as dores nas costas não me fazem sentir jovem.

O meu pai ri-se.

— O trabalho árduo sai-nos do pelo. Queremos homenageá-la pelo seu.

Os olhos castanhos da Dalma alternam entre os meus pais.

— Homenagear-me, como? Já fizeram tanto por mim. As bolsas, os anúncios a promover a Último Amigo. Já para não falar no seu discurso inspirador na minha formatura, Sr. Rosa.

O meu pai tem um ego exacerbado, algo que a minha mãe passou anos a tentar domar, mas ele é uma criatura ímpar, uma espécie de dragão a voar num céu de pombos. É impossível mantê-lo com os pés no chão enquanto for a única pessoa capaz de criar uma empresa tão especial como a Previsão-de-Morte.

— As ligações estabelecidas através da aplicação Último Amigo inspiraram-me muitas vezes. É por isso que, na Gala da Década da próxima semana, vamos atribuir-lhe o primeiro Prémio Vidas Transformadas da Previsão-de-Morte.

As lágrimas começam a escorrer pelo rosto da Dalma.

— A sério? Não há ninguém mais merecedor? E as fundadoras da Cria-Um-Momento?

— As irmãs Holland integram o painel de extraordinários inovadores que ajudaram a moldar a era da Previsão-de-Morte, mas a Dalma mudou a vida de todos os Deckers que precisavam de companhia nas suas últimas horas.

A Dalma tenta controlar os soluços enquanto abana a cabeça.

— Também se perderam vidas por minha causa.

À medida que a aplicação Último Amigo se aproxima do seu quinto aniversário, a 8 de agosto, surgiram alguns relatos que reconhecem todo o bem que fez, assim como os crimes cometidos ao longo da história da plataforma. Deckers que convidaram Últimos Amigos para as suas casas e que se viram despojados dos seus bens. Solicitações de nudes e favores sexuais como se estivessem na aplicação Necro. Assédio constante por parte dos Guardas da Morte, numa tentativa de afastarem os Deckers. Casos de maus-tratos, em que os Deckers foram tratados como sacos de pancada por pessoas que precisavam de descarregar as suas frustrações. A mancha mais negra na história da empresa remonta ao verão de 2016, quando o assassino em série da Último Amigo matou 11 Deckers. Todos acreditavam que o assassino tinha desaparecido e morrido, uma vez que as mortes pararam durante vários meses, mas ele voltou para reivindicar as suas últimas vítimas

na sexta-feira, 13 de janeiro de 2017, e na quinta-feira, 25 de maio de 2017, antes de ser capturado.

Sei muito sobre o assassino em série da Último Amigo. O irmão do meu melhor amigo foi a primeira vítima.

Há um olhar familiar de medo nos olhos da Dalma, como se lhe fosse impossível não ver o sangue nas mãos, embora não tenha sido ela a matar os 13 Deckers.

Os olhos castanhos do meu pai também estão distantes, perdidos no canto vazio da sala.

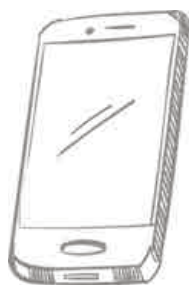
— É admirável que assuma a responsabilidade por quaisquer dúvidas lançadas sobre a sua empresa, como nós também fizemos, mas deve compreender que tem tanta culpa do que fez aquele maldito assassino em série, que atacou Deckers inocentes, como eu tenho da morte dos Deckers que recebem os alertas da Previsão-de-Morte: nenhuma.

A Dalma acena com a cabeça, mas não parece muito convencida.

— Sr. e Sra. Rosa, é uma honra enorme pensarem tão bem de mim, mas não me sinto à vontade para aceitar este prêmio. Às vezes, acho que seria melhor para os Deckers se eu encerrasse a aplicação, para que nada de tão horrível voltasse a acontecer.

Os meus pais olham um para o outro, sem saberem o que dizer.

— A menina Young fez muitas coisas boas — intervenho, apanhando todos de surpresa. As sombras não devem falar. — Fiquei muito comovido com o artigo da revista *Time* sobre pessoas que escolhem ser Últimos Amigos para os Deckers que procuram companhia. Não tive a honra de servir como tal, mas espero poder fazê-lo, mesmo que seja apenas uma vez, para tornar o Último Dia de alguém mais feliz. — Puxo uma cadeira e sento-me ao lado da Dalma. — Não pode trazer de volta aqueles 13 Deckers, assim como nós não podemos ressuscitar os Doze da Morte, mas ambas as empresas merecem sobreviver porque fizemos muito mais bem do que mal. O recordista da sua aplicação, Teo Torrez, serviu como Último Amigo mais de 130 vezes desde janeiro de 2018, tudo para homenagear o seu filho, Mateo, que viveu o seu melhor Último Dia graças ao seu Último Amigo, Rufus Emeterio. O mesmo Rufus cujo trio de amigos conhecido como os Plutões iniciou uma tendência anual no dia 5 de setembro de 2018, em que cada um deles serve como Último Amigo em sua homenagem. Essa constelação



de ligações existe graças a si, menina Young. Encerrar a aplicação não vai acabar com a morte, mas vai acabar com esses Últimos Dias que mudam vidas.

A Dalma esfrega os olhos lacrimejantes, e eu ofereço-lhe uma caixa de lenços de papel.

— Parece o meu terapeuta — diz ela, assoando o nariz.

— Li alguns livros de autoajuda.

— Foi tempo bem gasto.

— Isso significa que aceita o prémio? — pergunta o meu pai.

A Dalma acena com a cabeça.

— Vou preparar um discurso.

— Fantástico — diz a minha mãe, contornando a mesa para dar um forte abraço à Dalma. — Estamos ansiosos para a celebrar. Por favor, convida toda a sua família.

— A minha mãe e o meu padrasto vão passar o verão em San Juan, mas a minha irmã e a namorada dela... desculpem, noiva... estão na cidade. Vou convidá-las. A Dahlia adora este tipo de receções.

O meu pai levanta-se da mesa.

— Parabéns à sua irmã e à companheira. Faça-nos chegar os contactos delas para que possamos enviar convites formais. — O que ele quer dizer é que precisamos dos nomes delas para que a nossa força de segurança privada, a Previsão-de-Defesa, possa fazer uma verificação completa antes de permitir que elas entrem no edifício. — Creio que o seu amigo Orion Pagan já confirmou a presença. Verdade, Alano?

Hoje cedo, confirmei a lista de convidados com o chefe de gabinete do meu pai.

— O Sr. Pagan confirmou.

A Dalma franze os lábios antes de sorrir.

— Que bom.

Não parece. Tinha a impressão de que a Dalma Young e o Orion Pagan eram melhores amigos. Afinal de contas, foi a ligação do Orion com um Decker — Valentino Prince, a quem o meu pai ligou pessoalmente no Último Dia inaugural — que inspirou a aplicação Último Amigo. Agora, parece que poderá haver algum drama na Gala da Década. Preciso de me lembrar de pedir à segurança que os vigie durante toda a noite.

Depois de um funcionário acompanhar a Dalma ao rés do chão, caminho com os meus pais pelo corredor em direção ao escritório do meu pai, seguidos por todos os nossos guarda-costas pessoais: Ariel Andrade, Nova Chen e Dane Madden. Este edifício é o lugar mais seguro de todos, mas também não custa nada ser cauteloso.

— Excelente trabalho — diz o meu pai.

— Não exagerei?

— De todo. O artigo da *Time* sobre os Últimos Amigos em Vida estava no dossiê?

O meu trabalho é saber tudo sobre todos. Se temos uma reunião com alguém, passo horas a pesquisar tudo sobre a pessoa e a escrever relatórios completos. Tudo, do sítio onde nasceram até ao que fazem agora, os seus passatempos preferidos e até mesmo os assuntos a evitar nas nossas reuniões. Preparei um relatório sobre a Dalma Young que me fez sentir capaz de escrever a sua biografia.

— Sim — respondo. Cheguei a disponibilizar um resumo, que ninguém leu.

— Da próxima vez, estarei mais atento — diz ele, dando-me uma palmada nas costas. — No entanto, o facto de estares atualizado salvou o dia. Fiquei muito impressionado com a tua compaixão pelos fantasmas da Dalma e com a tua capacidade para a motivares a continuar o seu trabalho necessário para que os Deckers nunca tenham de morrer sozinhos. Um dia serás um grande líder, *mi hijo*.

Cresci ciente de que um dia herdaria a Previsão-de-Morte quando os meus pais se reformassem, mas o meu pai sempre insistiu que eu subisse na hierarquia da empresa a pulso em vez de assumir o cargo por atribuição. Ele pode contar-me tudo o que há para saber sobre ser diretor-executivo, mas serão as minhas experiências a ditar o meu sucesso. Foi por isso que passei o verão como assistente e estou a trabalhar a tempo inteiro na empresa desde segunda-feira, 6 de janeiro, depois de passar o Ano Novo e o meu aniversário no Egito. Não adoro tarefas administrativas, como inserir dados em folhas de cálculo ou encomendar materiais, mas não foi por isso que o meu pai me contratou. Foi porque tenho um talento natural para aprender e adoro pesquisar; acredito que fui historiador numa vida passada. Tenho muito orgulho neste trabalho e fá-lo-ia de graça.

Não seria um grande esforço, já que a minha família é tão rica que morreremos antes de gastar todo o nosso dinheiro, mas isso não impede o meu pai de tentar. Vivemos sobretudo na nossa penthouse com vista para o Central Park, mas ele também comprou uma casa nos subúrbios de Chicago, uma casa maior em Orlando e outra maior ainda em Hollywood Hills, com uma vista deslumbrante para o centro de Los Angeles. Ah, também temos uma casa em San Juan. Infelizmente, não vamos lá há alguns anos, mas pelo menos serve de morada para a família da minha mãe, ao contrário das nossas outras residências, que permanecem vazias desde que descobrimos que velhos amigos da família colocaram escutas no nosso apartamento para tentar descobrir o método secreto da Previsão-de-Morte.

Mas também temos a sorte de poder investir o dinheiro na comunidade. A minha família doou e investiu tantos milhões que o meu pai ficou famoso por ter descido de categoria de multimilionário para milionário. Todos o homenagearam, embora tenha sido a minha mãe a criar a instituição de solidariedade Previsão-de-Doações, mas a verdade é que ela não tem o ego do meu pai. A minha mãe esforça-se ao máximo por me manter com os pés bem assentes no chão apesar da vida de luxo, para que um dia eu herde a empresa, mas não o ego.

É por isso que vivemos de acordo com uma regra muito importante: nunca aceitar nada de graça que possamos pagar. Nada de jantares oferecidos, por mais grata que esteja a chef por a Previsão-de-Morte ter permitido que ela tivesse um bonito Último Dia com o marido, que de outra maneira teria morrido de forma inesperada. Nada de camarotes no Super Bowl por cortesia do treinador que, no ano anterior, não tinha tido receio de colocar o seu maior craque em jogo, apesar do aviso do médico de que este poderia sofrer uma lesão fatal; o mesmo jogador que acabou por marcar quatro vezes, incluindo o *touchdown* que desempatou a partida. E nada de aceitar convites para a Met Gala, mesmo que as lendas da Saint Laurent quisessem vestir-nos para a passadeira vermelha. Implorei aos meus pais que me deixassem ir, porque sempre adorei moda e essa seria a maior honra da minha vida. Como não peço muito, eles acabaram por concordar e comprar o meu bilhete. Arrasei na passadeira vermelha com um blazer escuro com lantejoulas e uma camisa de seda branca com gravata, e estabeleci uma

relação com o diretor criativo, que vai vestir-me novamente para a Gala da Década.

A regra de pagar tudo também se aplica à universidade. Recebi uma bolsa de estudo para Harvard por causa da minha média impecável, mas todos acreditaram que a minha família tinha subornado a comissão de admissão, já que eu tinha sido educado em casa (como se os alunos educados em casa não pudessem qualificar-se para bolsas de estudo), e que os meus pais tinham subornado os meus professores particulares para manipularem as minhas notas (como se eu não fosse naturalmente brilhante). Não ajudou quando recusei a bolsa de estudo por cortesia. A única maneira de fazer com que todos parassem de me acusar de ser um vigarista indigno foi aparecer na primeira semana de aulas no outono com a matéria que os professores estavam a ensinar na ponta da língua, depois de passar o verão a estudar os manuais de fio a pavio, enquanto estava de férias em Ibiza, onde a paelha vegetariana do La Brasa é assim de morrer. (Não literalmente. Nenhuma refeição vale uma morte, mas sem dúvida que pediria aquela paelha no meu último dia de vida.)

Tive de abandonar a universidade após o primeiro semestre. Não conseguia concentrar-me nos estudos. As pessoas tentavam aproximar-se de mim, quando não me importunavam abertamente, para obter segredos da empresa, apesar de dizer a todos os que perguntavam como é que a Previsão-de-Morte conseguia antecipar as mortes que o meu pai só tencionava partilhar essa informação comigo quando eu fosse mais velho. Ninguém acreditou em mim. Mas saí principalmente por razões de segurança. Na segunda-feira, 2 de dezembro de 2019, quando todos regressámos do feriado de Ação de Graças, fui imediatamente atacado por um aluno, Duncan Hogan, cuja mãe morreu às 00h19 da madrugada do Dia de Ação de Graças, sendo que os mensageiros só conseguiram alertá-la às 00h35. É compreensível que o Duncan não tenha gostado de ser privado de uma despedida condigna e que tenha decidido fazer o luto espancando-me até sangrar no Burden Park. Logo a seguir, criou um clube pró-natural no *campus* que me assediou durante todo o mês. O guarda-costas passar a acompanhar-me nas aulas não melhorou a situação, por isso não voltei depois das férias. É uma pena, porque eu adorava os meus professores e a vida normal de aluno,

mas a verdade é que não seria a universidade a preparar-me para me tornar diretor-executivo da Previsão-de-Morte.

Tenho-me empenhado tanto nesta função que fui promovido a assistente-executivo na quarta-feira, 1 de julho, e agora participo em todas as reuniões e estou presente em todas as chamadas, seja com o conselho de administração, empresários, segurança, bolseiros, políticos ou até mesmo o presidente dos Estados Unidos.

«A tua função é saber tudo o que for possível», disse o meu pai quando me promoveu. «Até chegar a altura de saberes o que antes era impossível.»

O segredo da Previsão-de-Morte.

Saberei que a minha formação está concluída quando ele me chamar para ter essa conversa.

Por ora, voltamos todos para o gabinete do meu pai, onde há *monstros* em frente às janelas com vista para Times Square, uma grande área de estar para os raros convidados que têm acesso, uma estante cheia de livros de não ficção da qual me sirvo amiúde — as minhas últimas incursões valeram-me biografias do presidente Reynolds, da Ada Lovelace e do Vincent van Gogh —, uma secretária inspirada na escrivanhinha Resolute da Casa Branca, mas com o logótipo da empresa em forma de ampulheta gravado na frente, em vez do selo presidencial, e um globo de latão onde o meu pai guardava as bebidas alcoólicas antes de ter decidido ser abstémio na terça-feira, 11 de fevereiro, quando fez 50 anos e depois de começar a sofrer apagões.

— A reunião das 11h30 com o Sr. Carver foi adiada para as 13 horas, por isso vais reunir-te antes com a Aster — lembro ao meu pai. A sua chefe de gabinete tem uma longa lista de assuntos a tratar antes da gala da próxima semana e antes de o pai se reunir com o fabricante para receber atualizações sobre a produção da sua nova e empolgante criação. Nome de código: Projeto Meucci.

— Acho que está na hora, Alano.

Verifico o relógio.

— Tens mais 12 minutos.

— Não é isso.

A minha mãe também parece confusa.

— Então, está na hora de quê, Joaquin?

— Está na hora de o Alano fazer trabalho de campo a sério na Previsão-de-Morte — esclarece o meu pai. Olha para mim, preparando-se para me pedir que faça algo que tenho evitado há anos, e que de bom grado evitaria para o resto da minha vida. Algo que o meu pai só fez uma vez. — Esta noite, vais ligar ao teu primeiro Decker.



LOS ANGELES

PAZ

8h38 (Horário de verão do Pacífico)

Há um ano que nos mudámos de Nova Iorque para um bairro em Los Angeles chamado Miracle Mile, e devo dizer que não faz jus ao nome.

Uma pesquisa noturna e irritada no Google esclareceu que esta parte de Los Angeles é conhecida como Miracle Mile por causa da sua outrora «improvável ascensão à preeminência», de estradas de terra batida a propriedades milionárias. Não percebo nada de construção civil, exceto que deve ser difícil. Mas será mais difícil do que reconstruir a minha reputação depois de matar o meu pai? Não será mais difícil para mim alcançar a preeminência do que para todos estes museus, restaurantes e parques? E por que raio é que ninguém me concede o milagre de voltar a pôr a minha vida nos eixos?

A minha mãe diz que a nossa casa é um milagre. Assinou o contrato de arrendamento antes mesmo de nos mudarmos para cá, e foi amor à primeira vista: uma casa de estilo colonial espanhol de piso térreo, com tijolos brancos e telhado de tijoleira, semelhante às casas dos nossos vizinhos; dois quartos, dos quais precisávamos desesperadamente depois de vivermos durante anos como sardinhas em lata no apartamento do Rolando; um quintal pequeno, mas apropriado, que a minha mãe adorava quando era mais verde e não parecia uma estrada de terra batida; e localizada a curta distância de todos os museus, restaurantes e parques milagrosos, o que era ótimo, visto que na altura não tínhamos carro. A minha mãe acredita que o maior milagre se deu quando os donos da casa decidiram vendê-la em dezembro, mas eu acho que o verdadeiro milagre foi não nos terem despejado por ela e o Rolando abrigarem um assassino.

Para chegar mais cedo ao escritório de casting, atravessei os La Brea Tar Pits, apesar de detestar o cheiro a enxofre. A primeira vez que ouvi

falar dos poços de alcatrão, imaginei um sítio muito mais fixe, já que é o único local com fósseis da Era Glacial numa grande metrópole, mas depois descobri que é basicamente um parque com modelos de animais pré-históricos presos no alcatrão borbulhante. No fórum de sobreviventes de suicídio *Edge-of-the-Deck*, li sobre um homem que tentou suicidar-se num poço de alcatrão, mas que demorou tanto tempo para afundar que mudou de ideias e acabou por sair. Pesquisei muitas maneiras de morrer, mas essa não seria uma delas depois da minha primeira tentativa fracassada. Tem de ser uma coisa mais rápida, sem tempo para dúvidas.

Tudo isto me dá vontade de fumar.

A maioria das pessoas deixa de fumar em janeiro, mas foi nessa altura que eu comecei. A época festiva é sempre deprimente, mas esta foi a pior dos últimos anos. Não conseguia entrar no meu Instagram secreto sem ver famílias felizes vestidas com as suas camisolas festivas, nem entrar no TikTok, visto que o feed estava inundado com vídeos de pessoas a abrir presentes. Já nós tivemos outro Natal tranquilo, com uma árvore simples que eu odiei decorar, porque nunca consigo passar a quadra sem me lembrar das vezes em que me punha às cavalitas do meu pai para colocar a estrela no topo da nossa árvore. No Ano Novo, depois de a minha mãe e o Rolando se beijarem à meia-noite enquanto eu ficava sozinho, como sempre, ela ajoelhou-se e pediu ao Rolando para ser seu companheiro para o resto da vida. Não sabia que ela ia pedi-lo em casamento, nem que o Rolando seria capaz de chorar de felicidade. Foi lindo perceber que a minha mãe se sentia segura a ponto de se casar com o Rolando depois de ter ficado tão marcada pela sua relação com o meu pai, mas isso também me fez sentir ainda mais sozinho.

Foi então que comecei a fumar para ajudar a aliviar a tensão. Às vezes, quando estou a fumar, imagino os meus pulmões cor-de-rosa a escurecerem a cada baforada, só para me lembrar porque é que ainda faço isto, apesar de detestar o sabor e o cheiro. Não é uma questão de rebeldia; a minha mãe e o Rolando ainda não sabem, porque escondo as provas com rebuçados de menta e com a camisa extra que costumo trazer. Fumo porque estou a perseguir a morte. Fumar não é a maneira mais rápida de morrer, mas se morrer vai ser um jogo longo, então tenho de jogar ao máximo para ganhar.

Mas não vou fumar agora. Tenho de estar fresco e com os pulmões limpos para o papel que vou conseguir.

Assim que saio do parque, viro à esquerda na Sixth Street e subo a Fairfax, onde estão a construir o Academy Museum of Motion Pictures. Antes desta segunda audição, jurei que nunca teria a oportunidade de alcançar, como ator, algo digno de ser incluído neste edifício que mais parece a Estrela da Morte, mas quem sabe.

Alguns quarteirões mais abaixo, chego ao escritório da Hruska Casting, que fica em frente ao Sindicato dos Argumentistas, e onde espero ganhar reputação.

Uma reputação que seja melhor, diferente.

— Vem para a audição? — pergunta o funcionário.

— Howie Medina — minto.

Sou encaminhado para a sala de espera no andar de cima.

A verdade é que adoro o meu nome, mas aquela série documental foi vista por centenas de milhões de pessoas, e não há centenas de milhões de Paz Darios por esse mundo fora. Precisava de uma nova identidade se quisesse ter alguma hipótese de conseguir o papel dos meus sonhos. Por isso, decidi homenagear as minhas raízes adotando o apelido de solteira da minha mãe e o nome do ator Howie Maldonado, que morreu num acidente de viação há três anos. O Howie interpretou o rival maléfico do Scorpius Hawthorne, mas foi muito porreiro comigo enquanto estive no set a interpretar a versão mais jovem da personagem dele para a cena de flashback. Chegou a testemunhar a meu favor durante o julgamento (não que alguém saiba disso, já que a série documental aparentemente excluiu tudo o que me fosse abonatório). Acredito mesmo que o Howie gostaria que eu o representasse através do meu nome artístico.

Saio do elevador e há outro tipo na sala de espera. Está todo de preto como eu, mas é lindo, com cabelo loiro natural, olhos verdes brilhantes, queixo afilado e músculos definidos. Aposto que costuma ser contratado só com base na foto. O tipo — o meu concorrente — sorri por educação, e, para meu azar, ele tem uma covinha.

— Tudo bem? — pergunta com uma voz mais grave do que eu esperava, como se parecesse jovem, mas fosse mais velho do que se imagina,



o que é perfeito para a personagem. Espero sinceramente que seja mau ator. Não que isso importe em Hollywood quando se tem aquele aspeto, mas estou tramado se ele for bom.

— Tudo — minto, enquanto me sento no sofá em frente. — E contigo?

— Estou entusiasmado. Chamo-me Bodie.

— Pa... Howie — corrijo, aclarando a garganta. — Howie.

— Há muito tempo que quero fazer um grande filme de fantasia. Estou ansioso.

É quase como se ele já tivesse o papel garantido. Talvez aquele sorriso não fosse de cortesia. Talvez fosse de vitória, porque ele não me vê como um concorrente à altura.

— Vai ser épico — digo, como se o papel fosse meu.

Ele semicerra os olhos, avaliando-me, ou tentando reconhecer-me.

— Já desempenhaste algum papel?

Sim, na maior saga de fantasia de todos os tempos, meu filho da mãe, é o que me apetece dizer.

— Uma coisa pequena — é o que sai da minha boca. Isso parece dar algum alívio ao Bodie. — E tu?

— Alguns — diz-me, como se tivesse uma página quilométrica no IMDb. — Mas nunca fui protagonista. Este projeto parece que vai ser em grande.

— Sim, é baseado num best-seller. Devias lê-lo.

— Tem umas mil páginas. — Encolhe os ombros. — Vou dar o meu toque pessoal à personagem.

Como fã, já sei que detestaria ver a sua interpretação.

— Boa sorte com isso.

A porta abre-se e um assistente avisa o Bodie de que a diretora de casting está pronta para o receber.

— Obrigado — diz ele a nós os dois, antes de entrar com os ombros erguidos, como se estivesse prestes a reivindicar o seu destino.

Esta adaptação merece atores que valorizem o material original. Como eu.

Coração de Ouro é uma história de amor épica entre o Imortal e a Morte. Fala de Vale Príncipe, que tinha 19 anos quando caiu numa vala comum enquanto observava um eclipse total e que, ao sair de lá, foi

agraciado com um coração de ouro que lhe concedeu a imortalidade. Passa a sua longa e solitária vida a cuidar dos outros, sobretudo dos doentes e moribundos. Ao longo do primeiro século da sua imortalidade, Vale recebe a visita de Orson Segador, a mais recente encarnação da Morte, que não compreende o porquê de Vale não morrer. Vão-se conhecendo sempre que Orson aparece para reclamar as almas dos companheiros de Vale. A dada altura, Orson começa a morrer misteriosamente, e precisa do coração de ouro de Vale para sobreviver e continuar a reclamar as almas, conforme a ordem natural das coisas. É aí que se dá a maior reviravolta, porque o Imortal tem de escolher entre deixar a Morte morrer, para que todos os doentes e moribundos de quem ele cuida também possam ser agraciados com a imortalidade, ou entregar o seu coração de ouro para salvar a única alma que alguma vez amou, mesmo que isso signifique que o Imortal tenha de morrer para que a Morte possa viver.

O romance é tão épico que vai resultar num filme incrível e destroçar milhões de corações. A cena em que Vale descobre que é imortal vai ser a primeira a conquistar as pessoas; comigo foi assim. Basicamente, ele volta para casa depois do seu primeiro encontro com um rapaz que cuidava do jardim da sua família e, quando conta a novidade aos pais, o pai de Vale espanca-o até à morte. Só que não. Vale acorda durante uma terrível tempestade, enquanto os pais o arrastam pela floresta em direção ao mar. Ficam chocados quando descobrem que ele está vivo, e a mãe espanta-se ao ver que os seus cortes sangrentos desapareceram, mas o pai não dá importância ao facto, considerando que o sangue foi lavado pela chuva. Ele amarra as mãos de Vale atrás das costas com linha de pesca, enche os seus bolsos com pedras e atira o filho de um penhasco. Vale cai na rebentação e é levado pelas ondas antes de se afundar. Passam-se alguns minutos, e Vale sabe que já devia estar sem ar, mas, de alguma forma, sobrevive... É então que vê a Morte pela primeira vez. Ao início, a Morte não passa de uma mancha escura em forma de esqueleto, que nada à volta de Vale à espera de que ele morra, mas, contra todas as expectativas, Vale continua vivo. Liberta-se da linha de pesca, descarta as pedras e nada para a superfície, onde percebe que a tempestade passou, que o sol brilha e que a Morte desistiu dos seus intentos.

O ator que interpreta Vale precisa de ter versatilidade, o que eu acho que tenho, mas além de o papel já ter sido atribuído a uma jovem estrela de cinema, a verdade é que não é o papel dos meus sonhos.

A minha audição é para o papel de Morte.

A primeira vez que li o livro, senti-me muito ligado à Morte, por ser temida e vista como nada mais do que um ceifador de almas inclemente e um inimigo dos seres vivos. Mas essa ligação aprofundou-se quando a história da Morte foi revelada. Em vida, tinha sido um rapaz que escolhera suicidar-se e, como optou pela morte, foi nisso que se tornou quando se matou enquanto observava o mesmo eclipse que tornou Vale imortal.

Uma alma suicida que é tratada como um assassino? Sim, o papel de Morte assenta-me como uma luva.

Além disso, tenho outra ligação profunda ao livro. Conheço o autor, mas é uma cena um pouco complicada.

O autor, Orion Pagan, está vivo hoje porque se apaixonou por um rapaz, Valentino Prince, que lhe deu, literalmente, o seu coração no Último Dia inaugural. Escreveu o romance para manter a sua memória viva.

Também conheci o Valentino na Véspera da Previsão-de-Morte, quando ele se mudou para o prédio que era administrado pelo meu pai. Só consegui falar com ele durante alguns minutos, mas achei-o um tipo muito simpático. E corajoso.

Estou a ficar ansioso, como se estivesse prestes a deitar tudo a perder ou não fosse suficientemente bom. Tento concentrar-me no texto da audição, mas estou muito nervoso, as palavras estão a ficar desfocadas. Há tanta coisa em jogo nesta audição, é, literalmente, uma questão de vida ou morte para mim. Devia ser uma situação da qual saio sempre a ganhar, visto que se não for contratado, tenho a morte à espera. Mas já li histórias suficientes no *Edge-of-the-Deck* para saber que não é assim tão simples, sobretudo porque nunca ninguém provou que a Previsão-de-Morte estava enganada e eu teria de ser a pessoa mais sortuda do mundo para ser a primeira, quando a minha vida tem sido pautada por tudo menos pela sorte.

A porta abre-se e o Bodie sai com um sorriso.

— Diverte-te — diz-me, antes de se dirigir para o elevador.

Estará ele a dizer para me divertir a fazer de Morte enquanto posso, porque ele acabou de ser contratado? Não me posso deixar afetar por ele, mas quando o assistente de casting me chama, já estou mais do que afetado, mesmo sabendo que não devia, porque tinha consciência de que não seria o único candidato; só não pensei que estaria a competir com um ator experiente que parece mais a encarnação do imaginário do Orson do que eu.

Mais vale virar já costas.

Não, tenho de fazer isto. Não posso escrever na minha carta de suicídio que dei o meu melhor se nem sequer tentei. Sinceramente, qual é a pior coisa que pode acontecer? Mais triste do que já estou não vou ficar.

Mostro à minha ansiedade quem manda e entro. Entrego à diretora de casting, Wren Hruska, a minha foto e currículo, onde estão todas as mentiras sobre o meu nome, experiência profissional e representação. Mas estou confuso. O estúdio é muito semelhante a outras audições que já tive — mesa para a equipa de casting, fita adesiva no chão a marcar a minha posição, câmara montada num tripé, luzes difusas —, mas esta não é uma audição normal, é um teste de química, mas sou o único ator na sala. Será que mudou alguma coisa? Será que a contracena vai ser dada pela diretora de casting ou pelo seu assistente? Devia ter preparado um monólogo? Será que alguém enviou um e-mail com uma atualização para a conta falsa que criei para o meu agente falso?

Ou, às tantas, o Bodie já foi mesmo escolhido.

— Ainda vamos fazer o teste de química? — pergunto, olhando em volta.

— Sim, o Zen está a mudar de roupa. A cor da outra camisa não estava a resultar — diz a Wren. — Tu ficas na marca verde.

Avanço para a minha posição, aliviado por ainda estar na disputa.

Uma porta abre-se e a jovem estrela de cinema, Zen Abarca, sai do camarim com uma camisola preta que se ajusta perfeitamente aos seus peitorais e braços. O seu físico musculado é resultado de anos a interpretar o agente Early na saga de Young Smiths sobre espões adolescentes. Sim, ele é lindo, mas também é um excelente ator, e já vi várias entrevistas dele em que se percebe que adora a sua profissão. Também acredito que o papel de Vale lhe assenta como uma luva.

Ele é assumidamente gay, tem a pele bronzada, cabelo despenteado e preto como o alcatrão oleoso do parque, e até as olheiras debaixo dos olhos azuis sugerem que viveu uma vida longa, apesar da sua juventude.

Atrás dele, vem outra pessoa com uma camisola de caxemira branca larga, calças de ganga azuis e botas escuras, os caracóis castanhos a espreitar por baixo do boné desbotado dos Yankees. Fico ao mesmo tempo deslumbrado e em pânico quando percebo que é o Orion Pagan.

Há muitas razões pelas quais sou perfeito para o papel de Morte, mas há uma que me veda totalmente o acesso a este projeto.

O meu pai não era apenas o senhorio do Valentino. Foi também o seu assassino.

E se quisesse receber uma chamada da Previsão-de-Morte?

Paz Dario decide que está farto de esperar pela Previsão-de-Morte. Se eles dizem que ele não vai morrer, ele terá de provar que estão errados. Mas é então que um rapaz salva a sua vida.

HOLLYWOOD

Alano Rosa é o herdeiro do império da Previsão-de-Morte, mas não se sente no controlo da sua própria existência.

E com a Guarda da Morte a ameaçar Alano, o seu Último Dia pode estar mais próximo do que ele pensa.

*O destino une Paz e Alano,
mas agora cabe aos rapazes
sobreviver às provações trágicas
que se avizinham para que
ninguém morra no final.*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

🌐 seekthebutterfly.pt
@secretsocietypt
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-589-413-0



9 789895 894130

